

RADIOJORNALISMO AMBIENTAL - UMA ANÁLISE DA COBERTURA

Rúbia G. Piancastelli¹

Resumo

O artigo apresenta a análise da cobertura ambiental feita em programas radiojornalísticos de três emissoras educativas do Brasil: as rádios USP FM 93,7 e Cultura FM 103,3 de São Paulo, e UFMG Educativa FM 104,5 de Minas Gerais. A pesquisa se baseia nos estudos das características fundamentais do radiojornalismo tal como a definição da pauta, o posicionamento editorial e o tratamento da notícia. O objetivo final é contribuir para ambos os campos acadêmico e profissional, em especial, por estimular reflexões e apontar melhores práticas para o radiojornalismo ambiental, fundamentado nos pilares da Educomunicação, Cidadania e Meio ambiente. Para embasar o trabalho interdisciplinar foi estudada a metodologia Educomunicação do uruguaio Mário Kaplún, as reflexões sobre educação transformadora de Paulo Freire e os trabalhos do professor Ismar de Oliveira Soares. No campo do jornalismo, contribuíram os pensamentos do americano David Bohm sobre o diálogo, fundamentos de Luiz Beltrão, conceitos de rádio de Maria Zita de Andrade e as reflexões de Gisela Ortriwano e Bertold Brecht. Sobre função jornalística, os trabalhos de Fraser Bond e Wilson da Costa Bueno possibilitaram a determinação daquela mais adequada, nesta pesquisa, ao radiojornalismo ambiental: a orientadora-educativa. Na área da cidadania, um dos pilares do radiojornalismo ambiental, foram revistos Enio Moraes Júnior, Cicilia Peruzzo, Jaime Pinsky e Carla Bassaneze. Sobre o pilar do meio ambiente, as referências concentram-se em conceitos básicos de José de Ávila Coimbra, John Hannigan, Wagner Costa Ribeiro, Marcos Reigota e Felix Guatarri. Para esclarecimentos e debates sobre jornalismo ambiental, foram revisitados principalmente trabalhos de Wilson da Costa Bueno e Ilza Girardi.

Palavras-chave: Radiojornalismo. Meio ambiente. Educomunicação.

¹ Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação. E-mail: rpiancastelli@usp.br

“Não se trata de imitar ou reproduzir acriticamente o modelo dos meios de massa hegemônicos. Estamos em busca de outra comunicação: participativa, problematizadora, personalizante, interpelante. Para a qual também precisa ser eficaz. Mas a partir de outros princípios e com outras técnicas.” (Mário Kaplún, 1998)

Este artigo se inicia com a tradução das palavras do educador uruguaio Mário Kaplún², grande defensor e difusor dos princípios da Educomunicação a partir dos anos 1970, e traz reflexões que embasaram um trabalho de mestrado defendido em outubro de 2012³, desdobrando-se em ainda mais questionamentos a respeito dos modelos e técnicas da comunicação quando voltadas ao cumprimento de uma função específica do jornalismo que pode-se chamar de orientadora-educativa.

Tal tipo de jornalismo pode ser encontrado, dentre os vários veículos, nas emissoras educativas. Essas, de acordo com o Ministério das Comunicações do Brasil, podem ser assim consideradas caso apresentem “elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados na sua programação” (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2011)⁴.

E qual é realmente a função deste radiojornalismo na esfera social? O radiojornalismo é simplesmente uma prestação de serviço ou pode ser um complemento para a educação? Serve para elucidar temas mais complexos e cujo conhecimento é de grande importância para o coletivo? As respostas são múltiplas, tais quais as possibilidades que o radiojornalismo oferece ou pode oferecer à sociedade.

Neste artigo são apresentados alguns caminhos que buscam a compreensão das relações entre a tríade radiojornalismo, educação e meio ambiente, entendendo esses enquanto campos que se entrelaçam constantemente. Cada vez mais a sociedade, em suas mais variadas instâncias e de diferentes formas, cobra da mídia responsabilidade e

² KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

³ *A cobertura ambiental no radiojornalismo - fragmentos educacionais*. PIANCASTELLI, Rúbia G. Out/2012. Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, ECA/USP.

⁴ MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Disponível em: http://www.mc.gov.br/rtv/perguntas_resp/. Acessado em: abr. 2011.

posicionamento ou, ainda, exige uma diversidade de conteúdos que atendam às suas demandas ou a estimule nos mais diversos sentidos.

Falar sobre função exige primeiramente a contextualização sobre qual radiojornalismo falamos. Trata-se menos de um radiojornalismo caracterizado pela prestação de serviços e mais de algo que pode ser chamado de radiojornalismo público ou cívico⁵. A modalidade surgiu como contraponto ao interesse da mídia em condicionar a notícia aos interesses políticos e econômicos hegemônicos e pode ser pensada como uma prática que integra os jornalistas diretamente à comunidade, de modo a envolver os cidadãos em diálogos que levem à solução de questões emergidas do próprio seio da sociedade.

A função orientadora-educativa é discutida então como uma proposta de fusão dos conceitos de função educativa e de função orientadora apresentados respectivamente por dois autores: Fraser Bond e Wilson da Costa Bueno⁶. A nova função é de grande responsabilidade e polêmica e pode ser explorada desde seu conceito até suas aplicações, sendo fundamental sobretudo na tentativa de compreender o papel do radiojornalismo desenvolvido nas emissoras de rádio educativas no Brasil.

O caminho para a verificação do cumprimento da função orientadora-educativa foi feito via análise de um tipo específico de cobertura jornalística: a ambiental. O recorte ambiental tem o objetivo de apresentar e fortalecer o posicionamento adotado: a exploração da temática do meio ambiente (considerado em seu conceito mais amplo e sistêmico) no radiojornalismo de emissoras educativas. Esta área de cobertura está ligada a um compromisso inquestionável com as práticas jornalísticas públicas responsáveis, que produzem e circulam informações visando, sobretudo, o bem comum (entendido, neste caso, como o acesso democratizado à informação em suas diversas instâncias, retratada da forma mais responsável e real possível, permitindo assim múltiplas leituras sociais).

⁵ O conceito norte-americano de *civic journalism* é da década de 1980, e a publicação mais recente tomada como base para trabalhos sobre jornalismo público é a de Jay Rosen e Davis Merritt, intitulada *Public journalism: theory and practice*, 1994. A obra é citada no trabalho de PERUZZO, Cícilia M. K. “Mídia local, uma mídia de proximidade”, utilizada nesta pesquisa.

⁶ A nomenclatura “orientadora-educativa” será usada nesta pesquisa definindo a função radiojornalística como aquela que atua na orientação dos seus interlocutores, contribuindo para a sua educação por meio de uma comunicação responsável e dialógica.

Uma linha de pesquisa comunicacional foi determinante durante a pesquisa e posteriormente a produção deste artigo, norteando o pensamento crítico sobre o jornalismo e oferecendo novas possibilidades instrumentais e práticas aos profissionais dos meios de comunicação. Trata-se da Educomunicação, uma proposta elaborada nos anos 70 por Mário Kaplún e que tem como base os chamados ecossistemas comunicativos, ou seja, um sistema amplo e integrado de comunicação baseado no diálogo. A proposta da Educomunicação avança, cada vez mais, em suas aplicações, possíveis em contextos como do jornalismo alternativo praticado em grupos isolados ou integrando políticas de educação de diversas instâncias. Uma definição mais precisa seria:

O conceito da Educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar (NCE-USP, 2011)⁷.

Dentre tantos modelos de comunicação existentes, este chama atenção de forma direta para a questão educativa, pois seu campo de atuação está francamente atrelado a ambientes propícios para o exercício da educação formal e informal.

Uma forma interessante de se verificar como a prática de Educomunicação pode ser tornar concreta nos meios de comunicação e, em especial, no rádio, é pela noção de complementaridade à escola, conforme refere o educador Paulo Freire (2003, p.37): “Essa escola necessariamente se renovaria, com a presença desses instrumentos comunicantes que a gente tem aí, e poderia também ajudar até a tarefa dos meios de comunicação”. O exemplo anterior aponta para uma aliança bem-vinda entre a escola e os meios de comunicação, em que o rádio é um canal apto a ser utilizado como ferramenta auxiliar dentro do programa pedagógico ou ainda ser o próprio promotor de um processo dialógico.

Rádio, um potencial democrático

Bertold Brecht, poeta e dramaturgo alemão, que disse em um de seus escritos: “No que diz respeito a esse objetivo de vida do rádio, ele não poderá, em minha opinião, consistir

⁷ NCE-USP, disponível em: <http://www.usp.br/nce/aEducomunicacao>. Acesso em: 18 de mar. 2011.

simplesmente no embelezamento da vida pública” (BRECHT *apud* FREDERICO, 2007, p.228). Remontando ao contexto de surgimento do aparelho, Brecht afirma que era a tecnologia que aguardava os homens e não o contrário, ou seja, não era uma demanda social. Ao surgir, o rádio deixou nas mãos de seus usuários a definição para sua própria função. Segundo Brecht, esse fato histórico contribuiu para que houvesse pouca reflexão em torno do rádio e sua utilidade, desencadeando um estigma de desvalorização do meio apesar de seu grande potencial.

Se debruçando nas ideias de Brecht, a professora e pesquisadora Gisela Swetlana Ortriwano produziu um trabalho que é referência para o estudo do rádio. Ortriwano ressalta o potencial do meio, especialmente por sua capacidade oral e democrática de estimular o diálogo e produzir sentido. Ao listar as condições especiais de montagem e funcionamento do veículo, Ortriwano (1995) e o professor e jornalista Luiz Beltrão (2008) argumentam a respeito do baixo custo da disseminação das ondas, a importância da oralidade e seu grau de penetração, o imediatismo das informações ali veiculadas e a sensorialidade capaz de impactar mais profundamente o ouvinte do que se imagina.

O conjunto de características, tipologias e reflexões sobre radiojornalismo aponta para um lugar de estudo onde somam-se as questões educativas e sobre o meio ambiente. Um debate paralelo é então tecido, a importância da informação ambiental para a formação dos cidadãos, argumento e proposta desta pesquisa. Neste raciocínio, unir o rádio (um meio de potencial democrático e amplo) à educação (que buscava proporcionar o bem comum) em prol da formação e conscientização ambiental faz sentido e dialoga com questões relativas à responsabilidade e cidadania, levando à sociedade um tipo de conhecimento que pode ser apoderado e empregado da maneira que melhor convier aos sujeitos em seus respectivos contextos sociais.

Radiojornalismo ambiental, o que e para quê

A questão ambiental é uma discussão relativamente nova na pauta dos debates da mídia brasileira (cerca de três décadas) e de grande importância por sua abrangência e urgência em termos de reflexão e ações. A educação ambiental, por exemplo, tem como um de seus objetivos tentar reduzir os entraves da relação entre homem e seu entorno,

buscando uma nova aliança entre a humanidade e a natureza. “Desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas e sociais” (REIGOTA, 1994, p.58). Tal pensamento é valioso para a educação ambiental que pode ser promovida, por exemplo, pela mídia responsável.

Para lançar um olhar sobre tal tema na esfera do radiojornalismo, toma-se a definição de Wilson Bueno:

Ele está definido tanto pelas matérias / colunas / editoriais / cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados a meio ambiente (BUENO, 2007, p.31).

Bueno aponta ainda para a necessidade de se assumir determinadas características e singularidades do jornalismo, a começar pelas máximas do “compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate” (BUENO, 2007, p.36). Quando se trata da cobertura ambiental, a responsabilidade dos jornalistas está além da competência em informar, mas também na capacidade de orientar para educar, promover a conscientização e até mesmo fomentar a mobilização para a ação. Como afirma a jornalista e pesquisadora gaúcha Ilza Girardi⁸ (2006, p.2), “este é o exercício inerente à profissão, e que ganha uma carga extra de responsabilidade quando passamos a lidar com o tema ambiental.”

Pensando o radiojornalismo ambiental em emissoras educativas, onde o compromisso jornalístico é ligado diretamente ao fomento da educação, soma-se o potencial relacionado à função discutida neste artigo. Para analisar a cobertura ambiental e o cumprimento dessa função pelos programas foram considerados três pilares essenciais dentro do radiojornalismo ambiental: a Educomunicação (que serve não somente de fundamento para o tipo de comunicação desenvolvida, mas como de ferramenta para aplicação de uma metodologia inovadora e dialógica), meio ambiente e cidadania.

⁸ Ilza Girardi atua como professora associada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e acumula experiência nas áreas de Comunicação, com ênfase em Comunicação Ambiental. É atualmente coordenadora do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul e tem em sua lista de produções livros como: *Para fazer Rádio Comunitária* (2009) e *Jornalismo ambiental: desafios e reflexões* (2008).

Sobre *cidadania*, tem-se um histórico que situa claramente as concepções e referências de acordo com o contexto socio-político vivido. O que deseja-se apontar, além das definições é o elo desse pilar ao jornalismo. Os professores e pesquisadores Enio Moraes Junior (2005) e Cicilia Peruzzo (2007) apontam a importância deste campo na formação e consolidação dos direitos humanos e da democracia na sociedade, um jornalismo que deve se assumir como cívico e deixar a pretensa neutralidade de lado.

O tema cidadania desdobra-se ainda em muitos outros debates, como o de comunidade (explorando o conceito de Zygmunt Bauman, 2003)⁹, direitos e igualdade, abordados na pesquisa ao longo do seu desenvolvimento. São elementos imprescindíveis para entender a função educativa de determinados meios de comunicação e seus rumos na sociedade.

A respeito do pilar *meio ambiente* utiliza-se o conceito do filósofo e pesquisador José de Ávila Coimbra (1985), que considera como parte do meio ambiente um conjunto de elementos - bióticos e abióticos - e suas relações, além de alterações culturais introduzidas pelo homem. Essa amplitude é essencial para o entendimento do que se chama de meio ambiente e sob quais facetas ele é tratado na mídia.

Para entender melhor os caminhos e descaminhos na mídia com relação ao meio ambiente, são de grande valia os estudos do sociólogo canadense John Hannigan (2009), que aborda desde as origens da cobertura ambiental, que se dão ao final dos anos 1960, na Europa, até as interpretações culturais dadas ao longo das décadas para temas como ambientalismo, sustentabilidade e conservação.

Para uma análise mais focada no conteúdo ambiental, entende-se ser fundamental, em primeira instância, conhecer os movimentos e as primeiras discussões sobre as relações entre o homem e a natureza, participar e compreender os debates estabelecidos, perceber as relações e discussões tensas entre os diversos setores sociais, além de tornar familiares, por exemplo, expressões que a cada dia se multiplicam mais, a exemplo da sustentabilidade e suas diversas interpretações e aplicações.

⁹ *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual* (2003).

Análise e questões centrais

O conteúdo ambiental dos programas jornalísticos de três emissoras educativas de rádio (Estúdio Cultura, da Cultura FM 103.3; Notícias Primeira Edição, da USP FM 93.7 e o Jornal UFMG, da UFMG Educativa FM 104.5) foi gravado e analisado durante os meses de maio e junho de 2011. Os resultados trouxeram a confirmação das hipóteses centrais desenvolvidas no início do trabalho: os programas jornalísticos das emissoras educativas dedicam-se pouco à seleção e produção de matérias ambientais que envolvam e contribuam para a educação informal dos sujeitos.

Sobre as características do radiojornalismo ambiental nas emissoras educativas, a começar pelo posicionamento editorial, conclui-se que, em especial as rádios educativas universitárias, tem plena consciência de seu papel cívico, de ser responsável pelo exercício de um jornalismo público. Há, de forma muito legítima, a busca pelo tratamento das notícias pelo viés da cidadania, com isenção partidária e política tendenciosas, ou ainda consciente da humanização do jornalismo na hora de tratar de determinados assuntos como questões controversas de saúde ou delicada de ocorrências policiais do cotidiano das cidades onde atuam.

O posicionamento editorial e a condição de rádio educativa, sem pressão de uma área comercial favorece a emergência do assunto ambiental, mas ainda não se percebe uma cobertura fixa ou o desenvolvimento de um olhar crítico para as questões do meio ambiente, que podem ser interrelacionadas com outras editoriais, como a de cidade, saúde, educação e política, para citar as mais freqüentes. As amarras editoriais não existem, mas o forte vínculo com uma maneira de pensar e fazer o jornalismo permanece, se manifestando no cumprimento de uma agenda de temas da instituição e da mídia hegemônica, especialmente no caso das emissoras dentro de universidades, e ainda nos formatos dos programas, muito curtos, com predominância de notas e boletins.

Enquanto o posicionamento editorial das emissoras analisadas ganha pontos a favor de uma ampliação das coberturas ambientais relevantes, sem espetacularização, fato ligado ao desenvolvimento de uma consciência próxima ao do jornalismo público e à multiplicidade de vozes disponíveis em seu entorno, a prática da escolha das pautas e a produção das

reportagens falha com essa possibilidade. Outros temas já começam a conquistar esse espaço de novo olhar, de crítica mais ampla, mas não ainda o ambiental.

Assim, a primeira sugestão decorrente da análise é incluir a pauta ambiental nas coberturas radiojornalísticas das emissoras, tendo em mente que o assunto não é somente importante, de relevância enquanto critério jornalístico, mas, envolve uma função do radiojornalismo que consiste em fornecer orientações para contribuir com a educação de seus ouvintes. Essa inclusão pode ser feita através da criação de uma editoria ou ainda pela costura entre os temas de pontos de vista que agreguem questões sócio-ambientais de forma natural, inerente a elas, como geralmente são.

Após esta incorporação é necessário definir o posicionamento editorial específico de como o jornalismo vai abordar esses temas e qual será finalidade da interpretação que vai conferir a esses assuntos. Por fim, o tratamento da notícia que está sendo desenvolvida, para que fiquem claras as intenções do texto, mantendo ao mesmo tempo os critérios de jornalismo voltados para o cumprimento da função orientadora-educativa que precisam assumir.

Outras questões importantes dizem respeito a participação dos ouvintes e ao papel dos jornalistas no escopo das coberturas ambientais. A participação é nula, em todos os casos analisados, permanecendo assim a histórica dificuldade do jornalista com a questão da interatividade no rádio e com os diálogos possíveis com demais interlocutores. Quando há participação, e mesmo assim é pouca, trata-se de entrevistados, e esses, em sua maioria, são especialistas confortavelmente procurados por telefone ou já disponíveis via assessoria de imprensa. Em nenhuma matéria sobre meio ambiente houve participação de pessoas “comuns”, aquelas mais atingidas pelas questões ambientais. As raras aparições foram de políticos e especialistas nos temas destacados.

Enquanto o radiojornalismo não incluir a temática do meio ambiente em sua agenda diária, em uma editoria específica ou perpassando os temas, sempre que possível e de maneira coerente, enquanto os profissionais encarregados não buscarem visões alternativas sobre as questões ambientais e a expansão de seus conhecimentos, permanecerão os estigmas e síndromes do jornalismo ambiental apontadas por Wilson Bueno. Perderá ainda

a sociedade, pois haverá menos uma instituição de prestação de serviços com a qual poderia contar, deixando de receber material para desenvolver o pensamento e, assim, a crítica. Por último, perde o próprio meio ambiente porque, desprotegidos - homens, *habitats*, plantas, animais e recursos -, tem seus destinos nas mãos de uma sociedade alienada, desinformada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade - A busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** 2^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2008.

BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência.** São Paulo: Palas Athena, 2005.

BOND, Frank F. **Introdução ao jornalismo.** Rio de Janeiro: Agir, 1961.

BRECHT, Bertold. **Cinco maneiras de dizer a verdade.** In: *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1966, n.5. p.259-273.

_____. **Teoria do rádio.** In: MEDITCH, Eduardo (Org.) *Teorias do rádio.* Florianópolis: Insular, 2005. p.259-273.

BUENO, Wilson. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa.** São Paulo: Marajoara, 2007.

_____. **Jornalismo ambiental: explorando além do conceito.** Paraná: Editora UFPR, Desenvolvimento e Meio Ambiente, jan/jun 2007, n° 15. p.33-44.

COIMBRA, J. A. Aguiar. **O outro lado do meio ambiente.** São Paulo: CETESB, 1985.

FREDERICO, Celso. **Brecht e a "Teoria do rádio".** *Estud. av.* [online]. Vol.21, n.60, 2007. p. 217-226. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000200017>>. Acesso em: 11 fev. 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 14^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre a educação (diálogos)**. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIRARDI, Ilza Torino; MASSIER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. **Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade**. In: *UNIrevista*, Rio Grande de Sul, v.1, n^a 3, jul. 2006.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 20^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

HANNIGAN, John. **Sociologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2006.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Revista do Instituto de Ciências da Informação/ICINFORM. Vol.V, n.1, ano VI, n.13, 1970.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

MORAES JR, Enio. **A formação cidadã do jornalista no Brasil: um estudo de caso da formação do jornalista na USP**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

NCE-USP. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Interatividade entre rosas e espinhos**. In *Revista Novos Olhares*. São Paulo, ECA/USP, ano 1, no 2: 1998. p.13-30.

PERUZZO, C. M. K. **Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento**. In: PAIVA, Raquel (Org.). *O retorno da comunidade - os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: MauadX, 2007. p. 89-94.

_____. **Mídia local, uma mídia de proximidade**. In: *Comunicação: Veredas* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. A.II, n.2, 2003. p.65-86. Universidade de Marília, São Paulo. Disponível em:

<<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaoveredas/article/viewFile/5105/4723>>. Acesso em: 05 mai. 2012.

PINSKY, Jaime e BASSANEZI, Carla P. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

REIGOTA, Marcus. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. In: *Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*. Brasília, Ano I, No. 2, 1999. p. 19-72. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2012.